

REFLEXÕES SOBRE O USO DA ORALIDADE EM SALA DE AULA: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

SILVA, N. R.⁽¹⁾; ESTEVAM, M. B.⁽²⁾; NASCIMENTO, J. S.⁽³⁾

^(1,2) Universidade Federal do Rio Grande do Norte; e-mails: ¹nadjeana@hotmail.com;
²bruno.madson2011@gmail.com ⁽³⁾ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; e-mail
³jeninho_silva07@hotmail.com)

Resumo: Com o objetivo de discorrer acerca dos preceitos das práticas da oralidade em sala de aula, foi desenvolvida uma pesquisa de cunho qualitativo com viés interpretativista visando perceber como alguns autores escolhidos tratam sobre essa temática tão importante. Assim sendo, trate-se de uma pesquisa bibliográfica. O trabalho é ancorado teoricamente por autores como Bakhtin (1997), Marcuschi (2002), entre outros. A escolha desses autores foi relacionada a necessidade de divulgar, para melhoria no ensino de língua materna, teóricos reconhecidamente notórios que tratam sobre questões que devem ser levadas ao debate público dos setores da educação, como as questões de gêneros textuais/discursivos, oralidade em sala de aula como fator de melhorias, tecnologia e educação utilizadas como suportes para mover o processo de ensino - aprendizagem, entre outros. Os resultados demonstram que as obras analisadas corroboram esse caráter de necessidade da oralidade em sala de aula, além de demonstrar que toda a comunicação humana se faz por meio dos gêneros textuais/discursivos e que a tecnologia pode incentivar o diversificar o ensino.

Palavras-chave: Oralidade, Gêneros textuais/discursivos, Educação.

Introdução

É sabido que as práticas da oralidade são demasiadamente necessárias para que o estudo da língua, seja materna ou estrangeira, ocorra de forma proveitosa, uma vez que a comunicação e a expressão verbal dialogadas são interessantes e imprescindíveis para que o processo de ensino - aprendizagem aconteça.

Além disso, quando o discente possui a autonomia necessária e tem proficiência na oralidade, o ensino se torna mais valioso, pois não há a figura centralizadora do professor que detem todo o conhecimento. Ao contrário, os alunos o ajudam, auxiliando com os conhecimentos prévios que já possuem, bem como fomentam diferentes discussões com base nos conteúdos que estão sendo trabalhados.

Contudo, sabemos que, infelizmente, nas aulas de Língua Portuguesa, muitas vezes, essas práticas dos gêneros textuais/discursivos da oralidade não acontecem. Os fatores são inúmeros, vão desde a formação inicial desses professores ao pouco tempo que possuem para desempenhar com louvor essas práticas, pois requerem, quase sempre, um maior empenho.

Gêneros textuais/discursivos como seminários, debates, relato, entre outros trazem à sala de aula vivências e novas maneiras que façam com que os alunos percebam a língua como algo mutável e presente no dia a dia deles, o que difere com veemência das questões de certo ou errado impostas normativamente pelas gramáticas que geralmente são usadas em classe.

Inserido nessa temática é que se encontra nosso trabalho. Nele, procuraremos realizar um estudo bibliográfico sobre as práticas de oralidade em sala de aula, além de perceber como essas práticas são evidenciadas pelo documento direcionador da educação básica, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, e como a tecnologia pode ser utilizada na educação, com o viés da oralidade.

A importância desse trabalho reside na necessidade de estudar as práticas da oralidade em sala de aula, pois faz-se necessário um repensar de atitudes, uma reflexão, dos professores de língua materna quanto ao uso dessa categoria constitutiva da língua. Além disso, o estudo apresenta algumas visões teóricas de grande valor, uma vez que se constituem como grandes pesquisadores das áreas de Letras, Linguística e Educação, bem como o documento que direciona nossa fazer pedagógico, a BNCC.

Metodologia

A pesquisa seguirá o paradigma interpretativista, adotando uma análise qualitativa, já que não existe preocupação com a quantificação geral dos dados, mas sim com o estudo do fenômeno, corroborando com os dizeres de Michel (2009, p. 36):

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica, particular, contextual e temporal entre pesquisador e o objeto de estudo. Por isso, carece de uma interpretação dos fenômenos à luz do contexto, do tempo e dos fatos. (MICHEL, 2009, p. 36):

A base do estudo são as obras de teóricos escolhidos que tratam sobre assuntos ligados à educação e à linguística. Para a construção desse corpus, foram selecionados previamente textos de Bakhtin (1997), Marcuschi (2002), Koch & Elias (2009) e os dados da BNCC (2017).

Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica, pois os dados serão advindos de outras obras já publicadas por diferentes autores situados em diferentes contextos sociodiscursivos. Acerca disso, temos:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Resultados e Discussão

GÊNERO TEXTUAIS / DISCURSIVOS

Os gêneros textuais / discursivos são construções sociais, as quais manifestam diferentes intenções do enunciador, sejam elas de informar, entreter, argumentar, entre outras. Como entendemos que o texto e discurso não podem ser separados, pois estão intrinsecamente ligados, utilizaremos as duas definições como sinônimas, tanto gêneros textuais, quanto gêneros discursivos.

Como estão ligados às necessidades comunicativas, os gêneros discursivos não podem ser enumerados e quantificados em sua totalidade, uma vez que se adequam às situações comunicativas. Para Bakhtin (1997, p. 277), ao comentar sua definição de gêneros discursivos, afirma que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”.

Como essas utilizações dos “tipos relativamente estáveis de enunciados” ocorrem em diferentes situações comunicativas, existem vários meios de circulação de gêneros, como o meio acadêmico, o meio jornalísticos etc.

Ao falar da composição dos gêneros, Bakhtin (1997) afirma que eles se configuram a partir de elementos constituintes, os quais seriam: conteúdo temático, estilo e a forma composicional.

Adam (2011), por sua vez, ao realizar a análise da estrutura dos gêneros, afirma que o gênero discursivo é definido por meio da organização textual e do plano de texto.

Marcuschi (2002), assim define gênero textual:

“Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. [...] Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística [...]” (MARCUSCHI, L. A., 2002, p.22)

As aulas de Língua Portuguesa, quando utilizam o uso dos gêneros textuais e as práticas discursivas, bem como valorizam as práticas de escrita, leitura e oralidade em sala de aula, fazem uso da proposta de ensino sociointeracionista, proposta por Bakhtin e seu círculo:

“[...] a língua se constitui em um processo ininterrupto, realizado através da interação verbal, social, entre interlocutores, não sendo um sistema estável de formas normativamente idênticas. Assim, os sujeitos são vistos como agentes

sociais, pois é por meio de diálogos entre os indivíduos que ocorrem as trocas de experiências e conhecimentos”. (FUZA, 2011 apud BAKHTIN, 1992).

Ao conceber essa proposta, e depois os educadores utilizarem para o processo de ensino – aprendizagem, é fomentado o ensino não pautado nas prescrições gramaticais ligadas as concepções de certo e errado. Acontece a significação do aprendizado, o contexto sociocultural dos alunos e suas culturas são trazidos e é demonstrado que tais entendimentos são demasiadamente importantes para a compreensão dos usos comunicativos da língua.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Marcuschi (2004) demonstra que com os novos aparatos tecnológicos que vão surgindo, cada vez mais emergem novos gêneros e outros se tornam obsoletos. Sobre isso, o teórico afirma:

“Esses gêneros têm características próprias e devem ser analisados em particular. Nem sempre têm uma contraparte muito clara e não se pode esperar uma especularidade na projeção de domínios tão diversos como são o virtual e o real-tradicional.” MARCUSCHI (2004:31).

A terceira revolução industrial iniciada na metade do século passado, após a segunda guerra mundial, nos trouxe um grande avanço científico dos meios de comunicação. Ler notícias, “visitar museus”, “visitar bibliotecas”, ler, “bater papo” como pessoas de todo mundo. Tudo isso é possível com a internet, pois ela nos possibilita ir a vários lugares sem sair de casa.

No entanto, muito se tem debatido sobre a importância do uso das novas tecnologias em sala de aula. Gasperetti afirma que:

Por que a Internet deveria entrar na escola? A resposta é simples: porque o ciberespaço, isto é, a própria Internet, é um mundo em que se pode viver uma outra forma de experiência, virtual, paralela a real, mas sempre de grande impacto emotivo, cultural e didático. [...] Graças à Internet pode-se formar uma vitrine mundial sobre o mundo da escola e descobrir o que acontece em toda parte. [...] (GASPERETTI, 2001, p. 47).

Na chamada sociedade da informação, o uso de recursos digitais é cada vez mais constante e necessário. As escolas estão cada vez mais se “informatizando”. Tornando assim o uso das novas tecnologias um grande aliado do aluno e do professor.

Conforme citam Freitas e Costa (2006 p. 8) “os novos suportes e instrumentos culturais da contemporaneidade, como o computador e a internet, têm-se tornado mediadores de

alternativas de leitura e escrita.” Assim, é notório o uso de tecnologias para tornar mais dinâmico o processo de ensino aprendizagem, através de jogos, criação de blogs, chats etc.

LÍNGUA FALADA/ESCRITA NA SALA DE AULA.

Partindo da ideia de texto como uma unidade de sentido, podemos elencar diferenças entre o texto falado e o texto escrito. Na produção do texto escrito, o autor deve ter um público alvo definido e não há participação direta dele na produção do texto. Segundo Koch & Elias (2009): “No texto escrito, a coprodução se resume à consideração daquele para quem se escreve, não havendo participação direta e ativa deste na elaboração linguística do texto, em função do distanciamento entre escritor e leitor.” Esse distanciamento permite que o autor planeje e reformule quantas vezes desejar, já que o leitor e autor não estão no mesmo espaço de produção.

Diferente do texto escrito o texto falado surge no momento de comunicação entre pessoas. Koch e Elias (2009) afirmam que ele “emerge no próprio momento da interação. Como se costuma dizer, ele é o próprio rascunho.” Por estarem presentes no mesmo espaço o interlocutor pode contribuir para a produção do texto. Alguns fatores podem ser levados em consideração, como: o olhar; a entonação; os gestos etc. Este por sua vez não pode ser reformulado.

Sobre tais diferenças, Koch & Elias (2009) afirmam: “Fala e escrita são, portanto, duas modalidades da língua. Assim embora se utilizem do mesmo sistema linguístico, cada uma delas possui características próprias. Ou seja, a escrita não constitui mera transcrição da fala, como muitas vezes se pensa.” Cabe ao professor refletir sobre essa questão com seus alunos deixando claro as diferenças entre essas duas modalidades da língua.

É bastante comum nas aulas de produção textual o aluno escrever expressões típicas da língua falada. Discutir e desenvolver tarefas que levem o aluno a saber diferenciar a língua falada da escrita são caminhos para uma boa compreensão e desenvolvimento de estudantes proficientes no uso da língua.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) nos traz várias orientações sobre o ensino de língua portuguesa. Sobre a oralidade cabe destacar que:

“O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo

temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação.”

São inúmeras as opções de gêneros orais disponíveis para o professor trabalhar em sala de aula. E o aluno já tem conhecimentos prévios para desenvolver.

Assim, é dever do professor buscar novas interações por meio da utilização da oralidade em sala, uma vez que, segundo o tratamento das práticas da oralidade, fornecidos também pela BNCC, os alunos devem refletir sobre os contextos e situações sociais de produção dos textos orações, além de identificar e analisar os efeitos de sentidos atribuídos ao uso da oralidade, fatores atrelados, como timbre, volume, pausa, entre outros.

Conclusões

O trabalho com oralidade em sala de aula é de suma importância para proficiência dos estudantes de língua materna. Através dele, os alunos compreendem que a língua não é estática. E com o tempo sofre alterações. Como melhorias, com o uso recorrente dessas práticas, os alunos conseguem se comunicar melhor, sabendo se expressar mais, bem como se posicionar criticamente diante de diferentes contextos sociocomunicativos.

Trabalhar com oralidade requer uma participação maior do aluno, por ser falante nativo da língua. O professor, assim, não é visto como aquele detentor de todo saber, podendo haver uma interação maior entre docente e discente.

No entanto, percebemos que uma grande parte das escolas não consegue trabalhar com maestria e obter um domínio adequado das características principais dos gêneros do cunho da oralidade. Turmas superlotadas, pouco tempo para muito conteúdo, desinteresse do aluno, falta de continuidade na formação do professor, são alguns dos motivos pelo qual esse fato tem ocorrido em sala de aula.

Todavia, quando é possível que o processo de ensino – aprendizagem ocorra de forma exitosa, as práticas da oralidade conseguem desempenhar um importante papel de colocar o aluno no centro do processo educativo, dando-lhe autonomia, fazendo com que ele se imponha perante o papel de cidadão ético e crítico, construtor de uma nova realidade ao mundo que o cerca.

Desse modo, percebemos que o objetivo desse trabalho foi alcançado, uma vez que já se fazem presentes às análises bibliográficas sobre os gêneros textuais/discursivos, uma análise do uso da oralidade em sala de aula e os dizeres advindos da BNCC da necessidade dos usos dos gêneros orais.

Como atividades futuras, usando esta mesma temática, é possível analisar as vertentes apresentadas de forma mais aprofundada. Os temas trabalhados brevemente nesse estudo devem e merecem ser analisados com maior veemência.

Trabalhos como esse são muito importantes, uma vez que proporcionam aos educandos maior acesso à pesquisa, bem como ao aguçamento do modo peculiar de ver e analisar a linguística e a educação. Ademais, para nós, professores das Letras, conhecer os mecanismos linguísticos utilizados para alavancar ainda mais as interpretações das obras e promover maior interação com a condição humana e suas abordagens, nos processos de ensino, é algo que deve ser enaltecido e evidenciado perante a comunidade.

Referências

ADAM, Jean-Michel. A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos. 2.ed. rev. aum. São Paulo: Cortez, 2011.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Da tecnologia da escrita à tecnologia da internet. In FREITAS, Maria Teresa de Assunção e COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola. 2ª ed – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FUZA, Ângela Francine et al. Concepções de Linguagem e o ensino da leitura em língua materna. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.14, n.2, p. 479-501, jul./dez. 2011.

GASPERETTI, M.. Computador na Educação: Guia para o ensino com as novas tecnologias. São Paulo: Editora Esfera, 2001.s no texto devem seguir as normas de ABNT).

KOCH, Ingedore Vilaça & Vanda Maria ELIAS. 2009. Ler e escrever. Estratégias de produção textual. São Paulo: Editora Contexto.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (Orgs.) Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002, p. 19-57.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. Em: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) Hipertexto e gêneros digitais. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.



MICHEL, Maria Helena. Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.